

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SAINT HILL MANOR, EAST GRINSTEAD, SUSSEX
CARTA DE POLÍTICA DO HCO DE 18 DE JANEIRO 1969

Emissão II
(Também publicada como Ordem de Flag N.º 1736,
com a mesma data e o mesmo título)

MIMEOGRAFAR

N.º 3 DA SÉRIE DE METAS
PLANEAMENTO E METAS

(No momento em que escrevo isto, há três HCO PLs com datas próximas sobre este tema das metas. A área nunca tinha sido examinada ou escrita como assunto filosófico).

Planos NÃO são metas.

Todos os tipos de planos podem ser delineados e aprovados. Mas isto não autoriza a sua execução. São apenas planos. Quando, e como vão ser executados e por quem, não estava determinado, calendarizado ou autorizado.

Esta é a razão porque o planeamento ganha por vezes má fama.

Poder-se-iam fazer planos para ganhar um milhão de dólares, mas se quando, como e quem não forem definidos como metas de diferentes tipos, aquilo simplesmente não acontecerá. Traça-se um plano brilhante de como converter o Porto de Boston numa zona de petroleiros. Tudo isso poderia estar em desenhos e perfeitamente arrumado. Até podia haver maquetas. Dez anos passaram e nada foi iniciado, muito menos completado. Já vimos planos destes. As Feiras Mundiais estão cheias deles.

Também poderia haver um plano com metas definidas: quem, quando, como, mas, com metas fracas ou irreais, nunca seria completado.

Também poderia haver um plano sem qualquer META CONDICIONAL por trás, e, por isso, ninguém realmente o querer, e não servir realmente propósito algum. É muito pouco provável que alguma vez fosse terminado. Aconteceu algo assim em Corfu. Era um teatro grego meio feito, e que foi deixado assim. Ninguém perguntou aos habitantes se o queriam ou se era necessário. Assim que, mesmo muito bem planeado e com metas parciais e meio construído, ele aí está. Meio construído. E assim ficou.

Um plano, quer dizer, o desenho ou modelo à escala, de uma área projeto ou coisa, é naturalmente uma necessidade vital em qualquer construção, e, sem isso, a construção fracassaria. E poderia até ser aprovado como plano.

Mas se não foi o resultado encontrado numa meta condicional (inquérito do que é requerido ou exequível), será inútil ou não se enquadrará. E se não se lhe atribuir fundos, não se ordenar a ninguém que o execute e se não existir calendarização para o fazer, então nunca será feito, devido a cada uma destas razões.

Pode definir-se Planeamento como o sistema global de metas no qual estão determinadas todas as metas de todos os tipos. Isto seria um planeamento completo.

PLANEAMENTO COMPLETO

Para um plano completo ser aprovado teria de ser apresentado como:

- a. O resultado de uma meta condicional (inquérito do que é desejado ou necessário).
- b. Os detalhes da própria coisa, isto é, um quadro seu ou do seu âmbito mais facilidades ou dificuldades de execução, e com que pessoas e materiais.
- c. A sua classificação como: vital ou simplesmente útil.
- d. As suas metas primárias mostrando a organização necessária para as executar.
- e. As metas operacionais apresentando a sua calendarização (mesmo que calendarizado não com datas, mas dias ou semanas) compatível com outras ações.
- f. O seu custo, se se autofinanciará ou não ou se pode ser suportado, ou quanto renderá.

O planeamento completo teria que incluir as metas e o plano da coisa.

Assim, redefinindo palavras e designando os tipos de metas, podemos ter uma melhor ideia disto.

Um plano seria uma conceção da própria coisa.

Um plano completo seriam todas as metas mais a conceção.

Desta forma vê-se porque é que muitas coisas nunca resultam em absoluto, e porque muitas vezes não são completadas, mesmo quando planeadas. O plano não chega a ser proposto sob a forma de metas, portanto é irreal ou não chega a ser executado.

É também uma ótima forma de perder ou esbanjar dinheiro.

Uma meta condicional deixa algumas vezes de perguntar que obstáculos ou oposição seriam encontrados ou quais as capacidades disponíveis, podendo dessa maneira descarrilar.

Todo o tema de planos, metas e tipos de metas é novo no reino do pensamento analítico.

É mais uma questão de “obter o sentir de” e “aprender a pensar sobre”, do que um tema totalmente “enlatado”.

Mas se estes pontos estão compreendidos, depois vemos o âmbito do assunto e podemos ficar bastante brilhantes e conseguir coisas que até então estavam fora do alcance ou em que nunca pensámos.

L. RON HUBBARD

FUNDADOR